

Relações Intersubjetivas e Interespécies em um Lugar “Distante”: a Coxilha Rica

Eduardo Hector Ferraro¹

¹Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, Santa Catarina Brasil

Resumo

Nas grandes extensões dos campos da Coxilha Rica, no Estado de Santa Catarina, Brasil, a vida flui entre humanos e não humanos, animais domésticos e selvagens, configurando relações intersubjetivas e interespecies, delineando comportamentos, fomentando formas de pensamento e uma sociabilidade própria do lugar. Nesse local, é característica a divisão de terras em fazendas ou propriedades rurais, como também a existência de alguns vilarejos com moradias, menos frequentes na região. Essa forma de espacialidade organiza a vida e a sociabilidade entre pessoas e espécies animais, determinando alguns espaços para esses encontros entre humanos e outras formas de vida. Neste artigo, analiso e comparo conceitos nativos com outros geográficos e antropológicos como espaço geográfico, território, ambiente, paisagem e lugar, mostrando como essas percepções nativas regulam o processo de domesticação de animais no local e servem para a compreensão das relações intersubjetivas e interespecies da Coxilha Rica.

Palavras-chave: Território. Lugar. Cooperação. Domesticação.

Intersubjective and Interspecies Relations in a “Distant” Place: Coxilha Rica

Abstract

In the great expanses of the Coxilha Rica fields, in the State of Santa Catarina, Brazil, life flows between humans and non-humans, domestic and wild animals, configuring intersubjective and interspecies relationships, outlining behaviors, fostering forms of thought and a sociability proper to this land. In this place, the division of land into farms or rural properties is characteristic, as well as the existence of some villages with houses, something less frequent in the region. These form of spatiality organize life and sociability between people and animal species, determining some spaces for these encounters between humans and other forms of life. In this article I analyze and compare native concepts with other geographic and anthropological ones such as geographic space, territory, environment, landscape and place, showing how these native perceptions regulate the process of domestication of animals in the place, and serve to understand the intersubjective and interspecies relations of the Coxilha Rica.

Keywords: Territory. Place. Cooperation. Domestication.

Recebido em: 20/02/2021

Aceito em: 14/05/2021



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Uma Breve Introdução

Tenho passado nestes últimos anos de pesquisa muitos momentos na Coxilha Rica e em locais próximos, tanto que depois de escrever minha tese, feita em parte nessa região, pensei em dedicar um artigo específico para o lugar. O que me leva a esta tarefa é justamente tentar mostrar uma série de particularidades observadas nesses momentos vividos na Coxilha, junto com algumas pessoas que conheci nestes anos passados. Minha preocupação, neste caso, não é criar um relato etnográfico especificamente, e sim fazer uma antropologia da Coxilha Rica. Como propõe Ingold (2008), seria fazer uma sociologia comparativa deste lugar usando alguns conceitos e teorias que sirvam para evidenciar as relações existentes entre seres nessas latitudes. Seguindo algumas ideias deste autor seria, em parte, utilizar a história do local como processo de transformação para entender e explicar como funciona a vida social nesses lugares. Além disso, como explica Bateson (1972, p. 454), isso não se refere a corpos isolados da “vida lá fora”, senão que se trata de forma imanente de um sistema de relações entre organismos e ambientes no qual os seres humanos e outras formas de vida estão entremeados. Portanto, procuro mostrar aqui um estudo da vida nesses locais, não exatamente da gente, em si, mas feito *com* a gente que ali vive, como um diálogo, como uma experiência conjunta.

A explanação de conceitos dos habitantes, junto de conceitos antropológicos, o uso da história, e as explicações da geografia local ajudarão a entender esta empreitada antropológica sobre a Coxilha Rica e os locais próximos dela. O tema da próxima seção será uma caracterização geográfica para entendermos a localização e a topografia da região.

2 A Situação Geográfica e Territorial do Contexto Local

A Coxilha Rica é uma região¹ localizada no interior do Estado de Santa Catarina, na parte sul, próxima com a divisa do Estado de Rio Grande do Sul. Ela está dentro dos

¹ Usarei neste caso o conceito de região definido pelo geógrafo Milton Santos. O entendimento objetivo do conceito de região em Milton Santos considerava a totalidade (geográfica) e o tempo histórico. Esses dois termos tornam mais clara a compreensão do conceito de região. Segundo ele: “A região torna-se uma importante categoria de análise, importante para que se possa captar a maneira como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas do Planeta ou dentro de um país, associando a nova dinâmica às condições preexistentes” (SANTOS, 1988, p. 47). O autor também afirma que: “As regiões são o suporte e a condição de relações globais que de outra forma não se realizam. Agora, exatamente, é que não se pode deixar de considerar a região, ainda que reconhecemos como um espaço de conveniência mesmo que a chamemos por outro nome” (SANTOS, 2006, p. 196). O conceito de região sofreria uma espécie de transformação na obra do autor. A partir do livro *A natureza do espaço*, percebe-se a passagem do conceito de região para o conceito de lugar, como espaço do singular, de convergências e divergências da modernidade, de funcionalidades, e de novas formas de vida e práticas sociais. Tratarei com mais profundidade na Seção 3 sobre estes conceitos.

municípios de Lages (com 43%, o maior porcentagem territorial), Painel, São Joaquim e Capão Alto. Todos estes locais se situam em media a uns 200 quilômetros da capital do Estado, Florianópolis. O termo coxilha nos remete a uma área geográfica de campo com elevações pronunciadas e cobertas com pastagens. Este tipo de topografia é encontrado especificamente no município de Lages, em alguns locais do Estado de Rio Grande do Sul, e também no Pampa uruguaio. A particularidade geográfica desses locais seria a dos terrenos em elevação, ou seja, planaltos e campos de altitude, muitos deles a mais de 1000 metros do nível do mar (Figura 1).

Figura 1 – Topografia da Coxilha Rica



Fonte: Acervo do autor deste artigo

Neste artigo dedicarei especial atenção para a região localizada em Lages, Painel e Capão Alto, já que foi nesses locais que desenvolvi várias pesquisas de campo com as pessoas que ali vivem.

Para situarmos melhor essa região, podemos observar no mapa seguinte a localização no sentido continental, logo depois, regional e, afinal, de maneira ampliada, como a Coxilha Rica se enquadra não somente no município de Lages, mas também no Capão Alto, São Joaquim, e Painel, municípios vizinhos na região (Figura 2).

Figura 2 – Coxilha rica e municípios vizinhos



Fonte: Polêse (2014)

A extensão da Coxilha é de aproximadamente 1.136 quilômetros quadrados dividida em diversas subáreas, ou locais com nomes dados historicamente pelos habitantes do lugar. Esses nomes se associam muitas vezes a eventos históricos, lendas e narrativas dos moradores, o que torna difícil de desvendar a sua origem. Os nomes dos locais que frequentemente comentam os habitantes são: Vigia, Escurinho, Rincão do Perigo, Faxinal, São Jorge, Morrinhos, Casa Campos (Borel), Raposo e Cajuru. A população da Coxilha Rica é bem pequena comparada com a extensão de terra, aproximadamente 370 pessoas em 2014, ou seja, 0,33 habitante por km² (POLÊSE, 2014, p. 28). O dado da baixa densidade populacional da Coxilha interessa para este trabalho, já que serão expostos e analisados alguns conceitos que expressam a relação interespecie baseada na escassa presença humana em consideráveis extensões territoriais.

Historicamente, a região da Coxilha Rica formava parte de uma rota comercial entre o Sudeste e o Sul do Brasil, transitadas por seres humanos e animais formando grupos denominados de “tropas”, produzindo relações regionais por meio da venda do gado sulino para o Estado de São Paulo e levando café e outros insumos para o sul vindos da região paulista de Sorocaba. Para o transporte ordenado dessas tropas nas planícies e terrenos ondulados da Coxilha Rica, eram construídos corredores com muros de pedra, chamados de taipas (Figura 3).

Figura 3 – Detalhe do corredor de taipas para deslocamento de tropas



Fonte: Acervo do autor deste artigo

Essas taipas também serviram para delimitar posteriormente as propriedades que foram se constituindo na região, na medida em que alguns pioneiros tomavam posse desses territórios. A história das tropas, e em particular dos tropeiros² sempre foi um diferencial para a construção das narrativas da Coxilha Rica, assim como mais tarde o foi a posse de terras e a constituição das fazendas, algumas delas com mais de duzentos anos de antiguidade.

Segundo o documento da Fundação Catarinense de Cultura *O Caminho das tropas*, de 1986, um dos motivos do surgimento dos tropeiros foi a necessidade de levar animais de carga e de corte para o sudeste, principalmente para Minas Gerais. A figura do tropeiro está ligada intimamente com as atividades da Campanha, a lida com animais e o domínio da montaria, já que todas essas atividades eram feitas a cavalo, características encontradas depois no sujeito gaúcho do sul brasileiro. Há dados sobre a formação de tropas para transporte de gado de 1634, mas os primeiros tropeiros que empreenderam longas viagens se destacaram nos séculos XVIII e XIX, anos em que a atividade foi mais intensa. Alguns tropeiros ficaram com terras na região do planalto serrano de Santa Catarina, que se converteram nas fazendas de descanso das tropas. As rotas ou caminhos das tropas são vários, porém coincidem nos pontos extremos, de São Paulo para Viamão no Rio Grande do Sul, ou Laguna, em Santa Catarina. A atividade também se expandiu quando começaram as grandes fazendas de café no sudeste, dessa forma, levavam

² Os tropeiros têm seu nome dado pelas tropas de animais que eles conduziam de um lugar para outro, principalmente com fins comerciais.

gado do Sul e voltavam de São Paulo com café ou farinha de mandioca. Nesses longos caminhos havia a necessidade de descanso, tanto para homens como para o gado, feito nos chamados “pousos”. Nos começos do *tropeirismo*, os pousos eram acampamentos improvisados feitos com barracas de lona, em lugares estrategicamente escolhidos, geralmente campos com boas pastagens para os animais, como as coxilhas, lugar que também facilitaria o controle da tropa. Com o passar do tempo, se estabeleceram algumas fazendas nos caminhos dessas tropas, possibilitando que os pousos fossem feitos nelas. O município de Lages era um dos pontos de pouso preferidos nas tropeadas, pelas suas pastagens e quantidade de fazendas que permitiam o descanso (COSTA, 1982, p. 158-170). Ainda hoje há propriedades que conservam a disposição arquitetônica e funcional da época das tropas.

Esses campos, essas fazendas e suas instalações se converteram em locais onde a vida flui a partir das relações interespecies, notando a forma de como se comportam animais e humanos na constituição desse ambiente específico. Dessa forma, pretendo mostrar como esses espaços são vistos, experimentados e acionados nessas relações dos habitantes da Coxilha Rica, tema da próxima seção.

3 Caracterizando a Coxilha Rica a partir de Conceitos e de Categorias

Minha experiência de pesquisa nessa região serrana de Santa Catarina começou com viagens para algumas fazendas com motivo da minha participação em alguns festivais musicais em esses locais. Mais tarde, conhecendo pessoas que vivem e frequentam a Coxilha Rica criei uma relação a ponto de frequentar a região em outras ocasiões. Uma das primeiras propriedades que conheci foi a Fazenda da Ferradura, na localidade do Cajurú, depois foi a fazenda Lua Cheia, em Casa Campos, e mais tarde a fazenda Santa Luzia. Mas meus principais interlocutores na Coxilha Rica seriam o Beto, proprietário da fazenda São Sebastião, localizada em Morrinhos, e o Aldo, da fazenda Lageado Bonito, na localidade de São Jorge, a propriedade que mais frequentei, e onde surgiu boa parte desta pesquisa³.

Com esses interlocutores surgiu sempre a abordagem de alguns conceitos e categorias que traziam definições sobre a espacialidade e sobre o “distante”, em termos da extensão territorial da Coxilha Rica. Isto me serviu para depois entender como estas questões incidem nas relações sociais e interespecies nesse local. Uma das principais menções, sempre que entrávamos nos caminhos da Coxilha Rica eram as distâncias, ou seja, indo da cidade de Lages para as fazendas, tanto Aldo como Beto anunciavam que era *longe* onde devíamos chegar. Essa ideia de *longe*, como conceito nativo, ou de distante, me chamou a atenção nos primeiros encontros, mais tarde, quando passei a conhecer melhor as estradas as viagens foram mais leves, com menos ansiedade de chegar. Nas nossas conversas as percepções de espacialidade também emergiam, no sentido das extensões de

³ Minha última estadia na fazenda Lageado Bonito foi em março de 2020, registrando alguns trabalhos de marcação de terneiros, participando também de uma festa de inauguração da cooperativa agropecuária local. Foi no início da pandemia de Covid-19.

terra das fazendas, em alqueires ou hectares, ou no conceito nativo de “*milhão de campo*”, homólogo matemático ao hectare. Os conceitos de *longe* e de *muita terra*⁴ chamaram sempre minha atenção para entender como esses habitantes, essas pessoas da Coxilha Rica percebiam e se inseriam nesse ambiente, e mais tarde, pela incidência nas relações sociais e interespecie. Em outra ordem, sempre se tornava evidente nas narrativas deles quanto era importante o significado da Coxilha Rica como lugar, como a ideia de pertencimento a essa região, e particularmente como ressaltavam a sua integração no ambiente a partir das atividades de criação de animais, o que me instigou à procura e uso de algumas categorias de análise para completar a investigação.

A partir do diálogo com alguns autores, seria possível definir o que é ambiente, paisagem, lugar e território, trazendo categorias e conceitos geográficos e antropológicos, sendo que essas duas áreas (Geografia e Antropologia) compartilham esses conceitos, mas não com o mesmo sentido. Dessa forma, me refiro aos locais físicos e como as pessoas constroem seus entornos de vida a partir da interação, da experiência, e, portanto, na constituição da subjetividade nesses locais. Essa questão de um local determinado, de como as pessoas o enxergam, e mais especificamente, como a partir da sua subjetividade, também o constituem, tem se evidenciado como uns dos principais debates da antropologia na atualidade. As diferentes posições sobre a interação entre os humanos, não humanos e o espaço físico tem fomentado de maneira sobressalente novas concepções para se referir à Natureza, como também para entender de que maneira a Cultura ou a sociedade fazem parte da vida desses seres. É notória a tendência no pensamento de vários autores da antropologia de expor a condição de fundir ou diluir o binômio Natureza/Cultura, fazendo um tipo de contraponto construído a partir de experiências locais e conceitos específicos para cada grupo social, além de uma série de categorias nativas que cumprem um papel fundamental nessas conceituações.

O espaço físico do ponto de vista da Geografia, como campo específico de estudo que reúne o material (solo e topografia) e o social (relações entre seres), passa principalmente pelas noções de território e lugar. Santos aponta que o **espaço geográfico** seria um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações (SANTOS, 2006, p. 12). Para o autor, o espaço geográfico se apresenta como um misto, um híbrido da condição social e física, configurando e misturando relações sociais e materialidades. Diferente de alguns autores da antropologia, Santos menciona que o espaço geográfico só se constitui a partir da ação humana configurando eventos que o transformam; sem a ação, esse espaço seria somente **paisagem**, como forma e conjunto de materialidades. Outra questão de importância mencionada por Santos se refere à técnica empregada pelos humanos para modificar e viver no espaço geográfico. A ideia de técnica, como um conceito bastante amplo, é tratada pelo autor somando o desenvolvimento de tecnologias ao longo da história como processo de transformação humano. Segundo Santos (2006, p. 16-20)⁵,

⁴ Esses são os conceitos que os habitantes da Coxilha Rica usam literalmente com frequência para expressar distâncias e extensões territoriais. Usarei o Itálico para distinguir esses conceitos em alguns pontos do texto.

⁵ No livro de Santos são elencados alguns autores que se referem bastante objetivamente às questões técnicas como ferramentas para a vida: “uma referência particular à obra de Maximilien Sorre, o primeiro geógrafo a propor, com detalhe, a consideração do fenômeno técnico, em toda sua amplitude. A sua noção de técnica é abrangente. Para ele, “[...] essa palavra ‘técnica’ deve ser considerada no seu sentido mais largo, e não no seu sentido estreito, limitado a aplicações mecânicas”. Para Sorre, a noção de técnica “[...] estende-se a tudo o que pertence à indústria e à arte, em todos os domínios da atividade humana” (SORRE, 1948, p. 5 *apud* SANTOS, 2006, p. 20).

tanto as tecnologias como ferramentas para a vida, como a técnica em sentido de procedimentos serão as que promovem as transformações do espaço geográfico. Outro detalhe importante para esse autor, citando Balandier e Simondon (SANTOS, 2006, p. 23-24), é que as técnicas são sempre referidas ao espaço, ou seja, o que se desenvolve em aspectos tecnológicos se refere a um determinado contexto, ou melhor, ambiente, entendendo desta forma como indissociável a noção de técnica e meio⁶.

Santos (2006) apresenta outro conceito importante: o de **território**, que se entenderia como um espaço habitado, compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local. O autor ainda aponta que o “território usado” seria um sinônimo de espaço geográfico. O entendimento desses conceitos se daria através de horizontalidades, ou seja, lugares vizinhos reunidos formando uma continuidade territorial, e verticalidades, formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais. Essas verticalidades e horizontalidades poderiam se entender como relações entre locais. No caso da Coxilha Rica entendem-se os diferentes locais da sua área, por exemplo, Vigia, Escurinho, Rincão do Perigo, Faxinal, São Jorge, Morrinhos, Casa Campos (Borel), Raposo e Cajuru, uns como extensão dos outros em relação de horizontalidade, e a verticalidade seria a relação do conjunto territorial com os municípios e as cidades que o circundam, como Lages, Painel ou Capão Alto. Estes locais formam também uma rede, como forma relacional ou de contiguidade (SANTOS, 2006, p. 16), entre um e outro em sentido horizontal, assim como o entorno e proximidade de cidade e campo o fariam em sentido vertical. As relações entre locais próximos (horizontais) teriam como característica a ideia de produção, tanto no sentido de bens materiais como de bens simbólicos, ou como um produto de ambos para configurar uma forma de vida local. Já as relações de rede com locais mais distantes (verticais) se apresentam atreladas ou que Santos chamaria de *Mundo*, como sinônimo de *Mercado*, um tipo de força reguladora que atravessa questões ideológicas, políticas, científicas e de informação, um conjunto que impacta de forma direta a construção do conceito de natureza (SANTOS, 2006, p. 18).

Do ponto de vista antropológico se apresentam dois conceitos fundamentais quando nos referimos às relações entre seres vivos, a sua existência e a constituição do mundo: a **paisagem** e o **ambiente**. Esses conceitos são apresentados em inúmeras discussões na antropologia a partir de vários autores, e norteiam a maioria dos debates sobre essas relações interespecies, assim como diferentes realidades sociais. Neste caso, vou apresentá-los a partir das visões dos antropólogos Philippe Descola e Tim Ingold. No conceito de paisagem Philippe Descola (2013) aponta que nos acedemos a ela por uma série de mediações materiais e cognitivas que nos permitem enxergá-la como tal. A paisagem, nessa perspectiva, não se materializa como um conjunto de propriedades objetivas perante um observador que a contempla. Ela é resultante de interações que conjugam um indivíduo e um lugar que faz que, para *aquela* indivíduo, e não para outros que se encontrem no mesmo local, aquele sítio seja uma paisagem. A noção de paisagem,

⁶ Santos (2006, p. 23) observa que: “Podemos dizer, com George Balandier (1991, p. 6), que as noções de técnica e de meio são inseparáveis, desde que demos ao termo *meio* “[...] sua acepção mais *larga*, que ultrapassa, de muito, a noção de entorno natural. Os objetos técnicos têm de ser estudados juntamente com o seu entorno, conforme propõe Langdon Winner (1985, p. 374)”. De tal modo, podemos afirmar que cada novo objeto é apropriado de um modo específico pelo espaço preexistente. Ao acionar esses autores sobre as noções de técnica e espaço Santos entra num solo conceitual intimamente relacionado com Marcel Mauss no tratamento antropológico da técnica.

dessa forma, implica na existência de modelos perceptivos que funcionem e integrem as propriedades que emanam do objeto e os esquemas de representação culturalmente estabelecidos desse objeto (DESCOLA, 2013).

Além dessa conceptualização, Descola (2013) entende que a paisagem teria outras acepções: como representação cultural e social; ou a paisagem como território configurado e habitado por sociedades particulares; ou como, simplesmente, o substrato natural da atividade humana; e, por fim, como lugar de uma experiência sensível dos lugares, em uma abordagem fenomenológica. Nessa última acepção, a paisagem é um modo de estar presente no mundo, resultante da interação entre estímulos sensíveis característicos de um local e as expectativas configuradas pelos hábitos e pela educação dos indivíduos que, aos poucos, se percebem apropriados do lugar como prolongamento de si mesmos.

Por outro lado, a concepção de ambiente a partir do conceito de Tim Ingold (2000) se apresenta como o conjunto de seres vivos em contato com o substrato natural, configurando algo indivisível. O autor nos diz que:

[...] é o mundo tal como ele existe e assume significado em relação a mim, e nesse sentido, surgiu e sofreu desenvolvimento comigo e em torno de mim. Em segundo lugar, o ambiente nunca está completo. Se os ambientes são forjados através das atividades dos seres vivos, então, enquanto a vida continuar, eles estão continuamente em construção. Assim também, é claro, são os próprios organismos. Desta maneira, quando falava do “organismo mais ambiente” como uma totalidade indivisível, eu deveria ter dito que essa totalidade não é uma entidade limitada, mas um processo em tempo real: um processo, isto é, de crescimento ou desenvolvimento. (INGOLD, 2000, p. 20)

Para Arturo Escobar, o conceito de **lugar** é abordado desde diferentes pontos de vista, a partir da constituição do ser e das experiências com o local, também na relação com a ideia de globalização e da economia, como um conjunto de elementos para pensar a cultura. O autor problematiza o contraponto entre a globalização e o local, apontando o abandono do conceito de lugar em alguns debates, como uma componente importante da subjetividade humana, ele diz que:

Eso parece ser cierto en la filosofía occidental, en la que el lugar ha sido ignorado por la mayoría de los pensadores (Casey, 1993); las teorías sobre la globalización que han producido una marginalización significativa del lugar, los debates en antropología que han lanzado un radical cuestionamiento del lugar y de la creación del lugar. Sin embargo, el hecho es que el lugar – como la experiencia de una localidad específica con algún grado de enraizamiento, linderos y conexión con la vida diaria, aunque su identidad sea construida y nunca fija – continúa siendo importante en la vida de la mayoría de las personas, quizás para todas. (ESCOBAR, 2000, p. 68)

Escobar também menciona uma assimetria entre o global e o local, associando a globalização ao espaço, à história e a sua agência, e ao capital, enquanto o local é relacionado com o lugar, ao trabalho e às tradições. O que Escobar propõe seria uma superação dessa assimetria a partir da ecologia e do pós-desenvolvimento, o que facilitaria a incorporação de práticas econômicas baseadas no local. Dito de outra forma, seria uma reafirmação do lugar, da contraposição ao capitalismo, tendo a cultura local em oposição ao domínio do espaço do capital e da modernidade, que são centrais para o discurso da

globalização. Isso deve resultar em teorias que viabilizam as possibilidades de reconsiderar e reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas baseadas no local.

Cabe mencionar que ligado à ideia de lugar surge também a construção do conceito de natureza, como também da sociedade, constituída a partir de distintas formas de existência, isto é, diferentes ontologias. Como Escobar aponta, essas concepções sobre a vida muitas vezes não dependem do binômio Natureza/Cultura, e sim de certos modelos diferentes aos que constrói a sociedade moderna ocidental. Dessa maneira, para alguns grupos sociais não existe separação entre esferas como a do mundo biofísico, humano ou sobrenatural. Portanto, os seres vivos e não vivos, ou sobrenaturais, não são vistos como entidades que constituem domínios separados, ou considerados como esferas opostas da natureza e da cultura, admitindo-se que as relações sociais abrangem mais do que aos seres humanos. Esses modelos de perspectiva diferenciada são, segundo Escobar, distantes daqueles construídos a partir de visões modernas e ocidentais, o autor expressa que:

Un modelo local de la naturaleza puede mostrar rasgos como los siguientes que pueden o no corresponder a los parámetros de la naturaleza moderna, o sólo hacerlo parcialmente: categorizaciones del ser humano, entidades sociales y biológicas (por ejemplo, de lo que es humano y lo que no lo es, lo que es sembrado y lo que no lo es, lo doméstico y lo salvaje, lo que es producido por los humanos y lo que es producido por los bosques, lo que es innato o lo que emerge de la acción humana, lo que pertenece a los espíritus y lo que es de los humanos, etc.); escenarios de linderos (diferenciando, por ejemplo, los humanos de los animales, el bosque del asentamiento, los hombres de las mujeres, o entre distintas partes del bosque); una clasificación sistemática de los animales, plantas y espíritus; etc. (ESCOBAR, 2000, p. 71)

Nesse excerto interessa particularmente o que expressa Escobar como a distinção de categorias a partir do pensamento local, um tipo de construção sobre a vida relacionada ao conjunto de coisas presentes no lugar. Seria a partir da constituição do pensamento local que podemos pensar de forma dialógica entre os conceitos nativos e os da geografia e da antropologia.

Os conceitos teóricos aqui citados poderiam ser contemplados para uma análise do contexto sócio cultural e físico da Coxilha Rica. Essas definições acadêmicas não são expressas da mesma forma pelos habitantes do local, portanto, seria necessário estabelecer um ponto de diálogo entre ambas as manifestações. O espaço geográfico, o território, a paisagem, o ambiente e o lugar e são geralmente pensados para estes habitantes da Coxilha Rica na ordem da divisão dos locais como foram historicamente nomeados, logo depois, a partir do estabelecimento das fazendas e dos vilarejos como divisão de propriedades privadas. A consciência de um território ocupado passa por essa divisão das propriedades, algumas de grande extensão, com uma baixa densidade populacional, o que gera as noções de *longe*, de *vastidão*, de distância com os “outros”, algo que meus interlocutores sempre manifestaram.

Já o conceito de lugar, como expressa Escobar, é importante pelo ajuste com a forma da construção do pensamento local, das experiências, e de uma ideia de pertencimento e arraigo que faz com que os sujeitos se constituam em aquele contexto particular ou ambiente. Outra questão de análise importante mencionada por Escobar seria a de assimetria destes locais com o mundo urbano moderno, no sentido de contraposição

das formas de vida entre esses dois contextos. No caso da Coxilha Rica e região, é certo que o fluxo de vida se dá em forma diferente aos conglomerados urbanos, mas também encontramos que há uma inter-relação em termos de produção primária de alimentos para as sociedades urbanas, como uma forma de resposta ao global, uma reação de microeconomias que interagem e tentam uma integração a partir dessas produções locais.

Sobre as questões diretamente relacionadas à integração de seres vivos na região, ou melhor, sobre a constituição desse mundo, resulta notório como os habitantes da Coxilha Rica expressam a interação nesses espaços naturais a partir das experiências de vida e do conhecimento, ou seja, dos saberes locais. Este conjunto de ideias, informações e saberes constituem o mundo dos habitantes da Coxilha Rica, configurando as formas de pensamento e de vida, que tem na ideia de *vastidão*, de distância ou *longe* como forma de espacialidade, importantes pilares da vida nesses locais. Em alguns casos nas conversas com os interlocutores, habitantes e frequentadores da Coxilha mencionavam a ideia da **cultura serrana**, como identificador, ou como algo que aglutina todos os conceitos que fazem parte da vida local. De todas as formas, a palavra cultura não é frequentemente usada nos discursos nativos, nem é minha intenção discutir neste texto sobre este conceito em particular.

Para finalizar esta seção, creio que é importante mencionar que a maioria dos conceitos antropológicos citados tende a discutir a fusão do binômio natureza/cultura. Como expressa Escobar sobre os modelos locais⁷, há categorizações que diferem substancialmente das classificações modernas ocidentais, ou aquelas nos moldes da urbanidade. Do mesmo modo acontece com a ideia da constituição da paisagem, ou do ambiente na questão da diluição do citado binômio. Certo é que nas narrativas dos habitantes da Coxilha a consciência da natureza como um grande domínio da vida (social) passa por questões de percepção sobre o clima, sobre o comportamento de outros seres vivos, vegetais e animais, e pelo conhecimento da topografia, o que delinea um entremeado de relações que analisarei na sequência.

3.1 Um Olhar sobre as Relações e os Conceitos dos Sujeitos da Coxilha Rica

Farei nesta seção uma tentativa de inteligibilidade colocando em evidência as experiências e os conceitos locais. Há, em princípio, uma noção diferente de espacialidade para os habitantes da Coxilha, a partir da ideia da imensidão da paisagem, a perspectiva de distâncias, dos espaços de socialização e do trabalho como forma de interação com a natureza. Nas minhas vivências na Coxilha Rica tenho experimentado as noções de *longe* ou de “distante” (como no título do artigo, com aspas), conferindo o que meus interlocutores dizem. Sempre que transitamos os caminhos que unem as localidades acima mencionadas a sensação é de que todos os locais ficam *longe* um do outro. Talvez seja porque os caminhos de terra batida e pedra, ou cascalho, não permitem que os veículos transitem velozmente, por isso o tempo parece se estender para chegar a qualquer ponto

⁷ A autora Marilyn Strathern (1980) também o faz no seu artigo *No nature, no Culture: the Hagen Case*, no qual discute categorias nativas que se afastam completamente das categorias modernas ocidentais.

região. Passar de uma localidade para outra demanda tempo, às vezes um par de horas dependendo o trajeto, por exemplo, ir do São Jorge para o Cajuru. A noção de *longe* ou distante passa a ser uma das categorias nativas de espacialidade mais intensa, expressada por quem habita ou frequenta a Coxilha, para ir trabalhar ou visitar as fazendas por outros motivos. Esse conceito também se relaciona com as estradas principais ou caminhos internos ou secundários, que conduzem às fazendas como divisão territorial, ou aos pequenos vilarejos ou vilas que apresentam conglomerados de moradias. Os caminhos chamados de “internos”, ou estradas secundárias, comunicam umas fazendas com outras, e geralmente não estão mapeadas como estradas principais entre localidades, sendo às vezes mais precários e difíceis para transita-los. Portanto, essa ideia de distante ou de tudo parecer longe se associa ao ambiente de maneira geral, e a como é possível transitar nesses caminhos, usando carros ou cavalo como meios de locomoção.

A divisão territorial faz parte da noção de espacialidade expressada pelos habitantes da Coxilha. Como foram mencionadas, as extensões territoriais se dividem em fazendas de diferentes dimensões e pequenas vilas com propriedades circundantes. Nesse caso, a expressão comum dos habitantes é falar de *muita* ou *pouca terra*, em sentido de se referir às fazendas. Essa noção se relaciona ao conceito de terra ocupada, ou delimitada, no sentido de propriedade privada. Nesses anos de pesquisa, tenho visitado e convivido com pessoas que trabalham em fazendas de diferentes dimensões, e tanto os proprietários quanto os trabalhadores expressam de forma bastante clara a ideia de propriedade (privada) como também as noções das dimensões de cada terreno. Conjugam-se, então, a imensidade dos campos com alguns conglomerados de instalações e estruturas onde os sujeitos moram e realizam tarefas, basicamente na domesticação⁸ dos animais ou, às vezes, com o produto da agricultura.

Foi um conjunto de fatores, como a ideia de espacialidade, do *longe* ou distante, da vastidão da paisagem, da delimitação das propriedades e sua extensão, e da pouca presença humana em sentido demográfico, que me levou a refletir na dinâmica das relações entre os seres da Coxilha Rica. Para isto, se tornou necessária uma análise minuciosa não somente do ambiente como também das instalações dentro das propriedades, observando como agem e se relacionam humanos e animais dentro desses espaços, isto é, a moradia ou casa principal, os galpões, a mangueira para trabalho com os animais e outras dependências. Moradias, galpões (Figura 4) e dependências rurais constituem limites mais reduzidos e restritos, mas não menos diferenciados de outros contextos. Nessas instalações, os sujeitos concentram parte das tarefas, como em galpões e mangueiras, e seu descanso e lazer, nas moradias.

⁸ Neste caso uso o termo domesticação para resumir de alguma forma o estado de interação entre humanos e outras espécies, como os equinos, os canídeos, bovinos e ovinos, como os mais frequentes dentro dos campos da Coxilha Rica. A questão da domesticação de espécies animais é abordada de maneira extensa por uma série de autores de várias áreas. No referido à antropologia, autores como Tim Ingold, Nigel Clark, Richard Ivesson, Danna Haraway, Tora Holmberg, Anna L. Tsing, Nerisa Russel, Rebecca Cassidy e Molly Mollin entre outros, destacam seus trabalhos sobre o tema com diversas visões e opiniões, como aponta Sautchuk (2018). Devemos ainda destacar que em trabalhos feitos por Zeder (2012) ou Stépanoff e Vigne (2018) colocam-se em evidência, a partir de discussões que ampliam as definições, estes processos de interação com relação aos procedimentos, aos diferentes estados e comportamento das espécies, e nos termos do impacto nos ambientes e nas sociedades onde se efetuam.

Figura 4 – Detalhe do galpão com as baias



Fonte: Acervo do autor deste artigo

O conjunto dessas construções reúne tanto as condições de trabalho, como de proteção às intempéris do clima e das exigências do ambiente, principalmente quando se volta de tarefas em campo aberto. As estruturas são casas para morar e, em espaços próximos, galpões para guardar os objetos de trabalho, fornecer abrigo para alguns animais como cavalos e cães, estocar alimentos para o gado, guardar a colheita e, em muitas situações, usados como locais de socialização. Cabe neste caso relacionar essas instalações com o mencionado por Anderson *et al.* (2017), como um tipo de arquitetura da domesticação. Essas estruturas são bastante similares em todas as propriedades que conheci durante a pesquisa, e se constituem quase um padrão nas fazendas da Coxilha Rica e do Pampa brasileiro. Um lugar importante dentro de cada fazenda são os currais ou mangueiras (Figura 5), quase sempre contíguos aos galpões. As mangueiras são espaços construídos com cercados de pau a pique ou por taipas, feitos para trabalhar com os rebanhos em tarefas específicas, como domesticação, castração e outros cuidados. Todas as estruturas estão preparadas para as atividades principais dessa vida, sempre em torno do trato das espécies animais e o resultado da colheita nas lavouras.

Figura 5 – Detalhe da mangueira com o gado



Fonte: Acervo do autor deste artigo

Esses espaços físicos, o campo e as instalações das fazendas são o cenário das relações entre seres humanos, e das relações interespecies, consideradas como formas de domesticação relacionadas a um ambiente específico (ANDERSON *et al.*, 2017, p. 399). As interações estão notavelmente condicionadas à particularidade do terreno, como apontam Anderson *et al.* (2017), e à frequência de contato que os animais têm com os humanos.

Talvez a mais importante dessas interações seja entre humanos e equinos, logo depois com os cães, e com os animais considerados como rebanhos da atividade pecuária, isto é, os bovinos e os ovinos. Os cavalos e os cachorros não são somente espécies de companhia, são também parceiros de trabalho, categorias mencionadas dessa forma por Haraway (2008), e, neste caso particular, os nativos campeiros as consideram da mesma forma que a autora. Os equinos contribuem na montaria para vencer as distâncias no terreno e para estabelecer o contato em campo aberto com os bovinos, e os cães ajudam para manter os rebanhos ordenados contendo as escapadas de alguns animais. Todos os movimentos no terreno dessas espécies e os procedimentos de trabalho são comandados pelos humanos, mas as relações entre esses animais e os sujeitos variam de acordo ao comportamento de cada espécie, e de determinados indivíduos, tanto nos rebanhos, como dos “animais parceiros”, isto é, cavalos e cães.

Nesse caso, as espécies parceiras no trabalho são categorizadas pelos humanos como animais que se comportam adequadamente, ou não, às exigências das atividades da campanha. A domesticação de cavalos e cachorros são processos progressivos, às vezes bastante demorados para conseguir os resultados esperados na interação com os sujeitos e com as outras espécies. Ter bons cavalos e cães domesticados e treinados para as diversas atividades com o gado é essencial para os habitantes da campanha, sem eles a cria dos rebanhos em campo aberto nos terrenos da Coxilha seria quase impossível. Esse assunto foi referido permanentemente pelos meus interlocutores, em particular, pela procura de diferentes exemplares treinados para os trabalhos nesse difícil terreno.

Mas a interação e a relação mais importantes para este trabalho são as que os sujeitos mantêm com os rebanhos, principalmente com os bovinos. A cria desses animais como recurso econômico é a principal atividade nesses locais. Há diferentes formas de criação⁹, tendo fazendas que usam métodos de inseminação artificial para aumentar a produção dos rebanhos, como outras que usam o método tradicional, ou seja, o acasalamento no campo dos animais, usando um espécimen macho para acasalar com várias fêmeas. Em ambas as variantes, devem ser monitoradas as vacas que ficaram prenhas, para controlar depois a gravidez e posterior parição dos filhotes. Esses procedimentos de produção podem entrar na chamada categoria de pecuária extensiva, ou seja, que cumpre o ciclo inteiro do animal: acasalamento, gravidez, parição, criação e engorda em campo nativo sem confinamento, em um ciclo estendido e mais longo; ou às vezes podem acontecer somente regimes de criação onde se compra o animal em estado precoce e somente é monitorada a engorda para depois vender para abate e consumo quando atingem os índices de peso e medidas, a chamada pecuária intensiva ou de confinamento. Os ciclos de cria e de pecuária extensiva são os utilizados normalmente

⁹ Descrevo esses procedimentos de produção pecuária com detalhes na minha tese de doutorado “*Ser Ou não ser Gaúcho, a perspectiva do sujeito campeiro contemporâneo no Pampa latino americano*”, de 2018, no programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade Federal de Santa Catarina.

na Coxilha Rica, portanto, o gado estará no terreno durante um lapso prolongado de tempo controlado pelos produtores. Na região não se registram exemplos de pecuária na modalidade intensiva ou de confinamento.

Na Coxilha Rica, os rebanhos pastam em grandes extensões de terra por meses, e de certa forma isto irá moldar o comportamento dos animais, somado ao contato com os humanos durante esse tempo, às vezes, escasso. Essa forma de interação fará diferir os níveis de domesticação dos animais, referido-se a como se manifestam os rebanhos nas atitudes de aceitação dos humanos nas atividades de controle ou dos ciclos reprodutivos (ZEDER, 2012)¹⁰. Nas minhas experiências em algumas fazendas da Coxilha Rica, eu observava que os animais reconhecem as pessoas de maneira chamativa, e que na presença de desconhecidos, se tornavam esquivos, escapando ou se assustando de forma notória, diferente de outros locais que frequentei. Essa situação se repetiu várias vezes, mostrando que esse comportamento dos animais se referia ao assunto da vastidão dos campos, às grandes extensões territoriais, e a pouca presença humana em diversos locais da Coxilha Rica, dado confirmado depois pelos meus interlocutores. Os animais mostravam um estado ou um nível de domesticação¹¹ menos avançado por ter pouco contato humano, tanto que o “diferente” se torna uma ameaça para eles. O que chamo nesta parte do texto como estado de domesticação desses rebanhos estaria de acordo com o que expressam Stépanoff e Vigne (2018, p. 3), no seguinte conceito:

Domestication refers to a becoming, a process set in time which causes living beings to go through different states, between the outside and the domus, between far and near, between predation and familiarity. Domestication does not simply cross these boundaries; it blurs them and questions categories, whilst at the same time adding its own apparent order by describing a succession of changes as oriented stages. Talking about domestication means giving narrative shape to the events diversity and taking the risk of finalism by bringing ex post meaning to that which had none at the beginning.¹²

O comportamento desses rebanhos, seu estado ou nível de domesticação e de interação com humanos, tanto grupal como de alguns indivíduos, é um dos principais motivos reguladores das relações entre humanos na Coxilha Rica, trazendo à tona a questão de cooperação e amizade como a principal relação intersubjetiva entre os habitantes dessa

¹⁰ Zeder (2012, p. 163) dá uma definição muito interessante sobre domesticação: “[...] a sustained, multigenerational, mutualistic relationship in which humans assume some significant level of control over the reproduction and care of a plant/animal in order to secure a more predictable supply of a resource of interest and by which the plant/animal is able to increase its reproductive success over individuals not participating in this relationship, thereby enhancing the fitness of both humans and target domesticates”. Tradução minha: “[...] um relacionamento mútuo sustentado, multigeracional em que os humanos assumem algum nível significativo de controle sobre a reprodução e o cuidado de uma planta/animal, a fim de garantir um suprimento mais previsível de um recurso de interesse, e pelo qual a planta/animal é capaz de aumentar seu sucesso reprodutivo em relação aos indivíduos que não participam desse relacionamento, melhorando assim a aptidão de ambos, os seres humanos e os domesticados”.

¹¹ Refiro-me especificamente a uma fase de comportamento em que ainda esses animais rejeitam a presença humana, ou pelo menos, daqueles que não reconhecem. As pessoas que tratam esses animais com ração ou sal são aceitos de maneira mais tranquila, esperando o alimento ou o sal sem inquietação, admitindo a sua presença.

¹² Tradução: “Domesticação” refere-se a um devir, um processo estabelecido no tempo que causa em seres vivos a passagem por diferentes estados, entre o externo (o estado selvagem) e o *domus* (um estado doméstico), entre longe e perto, entre predação e familiaridade. A domesticação não apenas cruzar essas fronteiras; é mesclar e questionar categorias, enquanto ao mesmo tempo, adicionar uma ordem própria e aparente para descrever uma sucessão de mudanças como estágios orientados. Falar sobre domesticação significa dar uma forma narrativa a uma diversidade de eventos, correndo o risco finalmente, de trazer um significado para aquilo que não tinha nenhum no seu começo.

região para o trabalho nos campos. De acordo ao comentado anteriormente, os animais passam bastante tempo no campo com pouco contato humano, isto é, relacionado à baixa densidade populacional da Coxilha, fator que influi no comportamento arredio dos rebanhos, sendo que na hora de fazer o manejo é necessário contar com mais pessoas das que habitualmente moram nas fazendas. Por esse motivo quando é preciso realizar as tarefas com os animais, como aplicar vacinas, colocar identificação em cada exemplar, ou em outras situações, são chamados vizinhos e amigos para poder realizá-las. Sem a cooperação de “outros”, as atividades seriam muito complicadas ou não poderiam ser feitas.

4 Considerações Finais

Dessa forma, há várias questões que se conectam na Coxilha Rica: a grande extensão territorial das fazendas, a baixa densidade populacional da região e a atividade da criação de rebanhos como principal mediação com o ambiente e em sentido de subsistência. A topografia aberta se apresenta como base de um sistema domesticatório peculiar, dando lugar à espacialidade e relevo das coxilhas como fator preponderante da domesticação e das relações entre seres. Cabe mencionar que nessa topografia particular da Coxilha Rica se configura um processo de domesticação que necessariamente começa no cercado dos campos. Como menciona Sordi (2019) no seu artigo *Fences of bordeland: technique, landscape and the architectures of domestication in the Brazilian-Uruguayan Pampa*, estes cercados fazem parte de uma estrutura, ou como apontam Anderson *et al.* (2017), de uma arquitetura da domesticação. A partir do diálogo com esses dois autores surge que este sistema domesticatório pode ser considerado específico e particular, ou seja, próprio do ambiente conformado pelas coxilhas, as grandes extensões de terra das fazendas e as delimitações das cercas.

Na questão do sistema domesticatório local, podemos traçar uma relação com o expressado por Anderson *et al.* (2017) e a ideia do espaço geográfico, a partir do conceito de Santos (2006), como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações. Esta estrutura de domesticação da Coxilha Rica responde a um padrão encontrado em boa parte do Pampa (do Brasil, Argentina e Uruguai), como também em outros locais de América do Sul. Além dos cercados, as estruturas que completam o sistema são as mangueiras, os currais, os galpões, e demais dependências já mencionadas perto das casas que servem como moradias. Referido ao sistema de objetos que complementam o processo de domesticação devemos mencionar os laços e cordas para conter e segurar os animais, as maneiras para imobilizar equinos e vacuns, a faca pessoal dos sujeitos, como ferramenta de uso múltiplo nas tarefas campeiras, e também objetos que servem para o trato sanitário dos exemplares (seringas para vacinas, alicates, etc.). Esses objetos usados como ferramentas para as atividades, segundo Anderson *et al.* (2017), servem como parte de uma infraestrutura social que define os espaços onde humanos e animais se encontram de maneira colaborativa (ANDERSON *et al.*, 2017, p. 406). Portanto, a configuração de um sistema domesticatório local e o comportamento dos rebanhos nesse espaço geográfico específico regulam as relações intersubjetivas, fomentando amizades e parcerias entre

habitantes da região, constituindo nesta relação as características regionais de uma forma de existência, aquela que lhe é própria aos sujeitos que habitam a Coxilha Rica.

Retomando a ideia de Ingold (2008), de fazer uma sociologia comparativa da Coxilha Rica, *com* a gente que ali vive, como um diálogo, como uma experiência conjunta, observei que distante, *longe*, e vastidão são conceitos dos habitantes daquele lugar, que impactam a quem entra nesse mundo, como no meu caso. Essas percepções nativas se evidenciam como reguladores do comportamento e das relações entre os humanos, como também com seres de outras espécies animais. Quem habita esses locais manifesta e demonstra que suas percepções têm características muito próximas às definidas pelos autores aqui mencionados. Esses conceitos teóricos se mostram conjugados com as percepções nativas no discurso local através de alguns termos como *terra*, em sentido da espacialidade, ou *lida*, quando se fala do trabalho e das ações com os animais, com referência ao sistema domesticatório local.

Em uma visão mais ampla, o mundo da Coxilha Rica se articula entre o conjunto de seres e a topografia como espacialidade peculiar, ou seja, nas relações intersubjetivas e interespecies reguladas pelo comportamento dos animais de rebanho. A amizade, a cooperação, como também a transmissão de saberes entre as pessoas são função do manejo e contato com esses rebanhos. Finalmente, poderia afirmar que a configuração de um sistema e do processo de domesticação dos animais nesse ambiente é o principal regulador das relações intersubjetivas e interespecies.

Referências

- ANDERSON, D. G. *et al.* Architectures of domestication: on emplacing human-animal relations in the North. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, [s.l.], v. 23, n. 2, p. 398-416, jun. 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.1111/1467-9655.12613_1.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. New York: Chandler Publishing Company, 1972.
- CLARK, Nigel Animal interface: the generosity of domestication. *In*: CASSIDY, Rebecca; MULLIN, Molly. (ed.). **Where the wild things are now**: domestication reconsidered – Wenner-Gren International Symposium Series. Oxford, UK: Berg Publishers, 2007. p. 49-70.
- COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens, sua história e influências no sertão de terra firme**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- DESCOLA, Philippe. A antropologia da natureza: entrevista. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 1-23, jul.-dez. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014027013>.
- DESCOLA, Philippe. Beyond Nature and Culture. **Proceedings of the British Academy**, [s.l.], v. 139, p. 137-155, 2006.
- DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.
- DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli. **Nature and Society**: Anthropological perspectives. London: Routledge, 1996.
- ESCOBAR, Arturo. **El final del salvaje**: Naturaleza, Cultura y Política en la antropología contemporánea. Giro Editores: Santafé de Bogotá, 1999.

ESCOBAR, Arturo. El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: ¿globalización o postdesarrollo? *In*: ESCOBAR, Arturo. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales – Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 68-87. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100708045100/7_escobar.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

FERRARO, E, H. **Ser ou não ser gaúcho? A perspectiva do sujeito campeiro contemporâneo no pampa latino-americano**. 2018. 288p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2018.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Caminho das tropas**. Florianópolis: Ed. FCC, 1986.

HARAWAY, Donna. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

INGOLD, Tim. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. New York: Routledge, 1994.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Anthropology is not Ethnography. **British Academy Review**, [s.l.], Issue 11, 2008.

INGOLD, Tim. **Hunters, pastoralists and ranchers: Reindeer economies and their transformations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

INGOLD, Tim; PÁLSSON, Gísli. **Biosocial becomings: integrating social and biologic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

POLÊSE, Cosme. **Coxilha Rica: subsídios a uma proposta de conservação para o sul do município de Lages-SC**. 2014. 185 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAUTCHUK, Carlos E. Os antropólogos e a domesticação, derivações e ressurgências de um conceito. *In*: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (org.). **Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 85-108.

SORDI, Caetano. Fences in the borderland: technique, landscape and the architectures of domestication in the Brazilian-Uruguayan Pampa. **Vibrant, Virtual Braz. Anthr.** [online], v. 16, e16600, 2019. Epub Nov. 28, 2019. ISSN 1809-4341. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412019v16d600>.

STÉPANOFF, Charles; VIGNE, Jean-Denis (ed.). Introduction. *In*: STÉPANOFF, Charles; VIGNE, Jean-Denis. **Hybrid Communities, Biosocial Approaches to Domestication and Other Trans-species Relationships**. London; New York: Routledge, 2018.

STRATHERN, Marilyn. No Nature, no culture: the Hagen Case. *In*: MACCORMACK, C.; STRATHERN, M. (ed.). **Nature, Culture and Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 174-222.1980.

ZEDER, Melinda A. The domestication of animals. **Journal of Anthropological Research**, [s.l.], v. 68, n. 2, p. 161-190, 2012.

Eduardo Hector Ferraro

Doutor e mestre em Antropologia Social, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduou-se em Licenciatura em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é professor da Universidade do Vale do Itajaí na área de saxofone, flauta transversal, flauta doce, improvisação e análise musical. Ministra as disciplinas Metodologia de Pesquisa em Música e Ciências Sociais na Música Popular na especialização em Educação Musical. Saxofonista, flautista e compositor, é músico profissional há 30 anos. Desenvolve pesquisas sobre música latino-americana, música nativista, folclore rio-platense e andino, como também sobre sociabilidade, sujeito e subjetividade em grupos sociais no contexto latino-americano. Desenvolve pesquisas na área de antropologia multiespécie, relações humano-animais, especificamente em diversidade pecuária, atividades da Campanha, economias regionais da América do Sul baseadas nas interações nesse ambiente.

Endereço profissional: Rua Uruguai, n. 458, Itajaí, SC. CEP: 88.302-901

E-mail: duferraro51@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7981-9948>

Como referenciar este artigo:

FERRARO, Eduardo Hector. Relações Intersubjetivas e Interespécies em um Lugar “Distante”: a Coxilha Rica. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 2, e79591, p. 155-173, maio de 2022.